



A CIDADE COMO LABORATÓRIO: DISPOSITIVOS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICOS ITINERANTE NA MEDIAÇÃO AGÊNCIA INFANTIL NO ESPAÇO PÚBLICO.

Cauê Augusto Maia Baptista- FAU-USP

Carlos Francisco Hidalgo Zunino-FAU-USP

1) Introdução

Este ensaio nasce de percursos coletivos de pesquisa e ação, atravessados por encontros entre arte e educação na cidade. Propomos aqui uma reflexão sobre a construção de metodologias pedagógicas itinerantes mediadas por dispositivos artístico/pedagógicos portáteis. A noção de “dispositivo” é empregada no sentido de aparelho, estas ferramentas utilizadas em processos colaborativos de produção artística em relação com o espaço público.

Em consonância com a perspectiva de antropologia da arte proposta por Gell, importam neste ensaio as ideias de “agência, causalidade, resultado e transformação”, mais do que avaliações estéticas dos resultados ou distinções normativas entre o que é arte e o que não é. A produção das crianças e jovens é analisada aqui num entendimento da “arte como um sistema de ação cujo propósito é mudar o mundo, e não codificar proposições simbólicas acerca dele” (2018, p.31).

Partimos de experiências desenvolvidas em parcerias do Grupo de Estudos Mapografias Urbanas (GeMAP/FAUUSP) com a Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Gabriel Prestes localizada no centro da capital paulista, e com a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Jardim Sipramar da Zona Sul.

A EMEI Gabriel Prestes constitui um microcosmo das contradições do centro paulistano. Fundada em 1953 no contexto dos Parques Infantil do Departamento de Cultura da



Prefeitura Municipal de São Paulo, da gestão de Mário de Andrade. Localizada na Rua da Consolação, vizinha a edifícios de luxo e ocupações de moradia, a escola resiste à especulação imobiliária enquanto abriga uma comunidade marcada por desigualdades sociais e diversidade cultural. Dados do Projeto Político Pedagógico (2024) revelam que: 21,5% das famílias vivem com até um salário mínimo, enquanto 16,1% têm renda superior a cinco salários. Crianças nascidas em Angola, Senegal, Venezuela e outras nacionalidades compõem 19,3% do corpo discente, criando um ambiente de intercâmbio cultural intenso, mas também de desafios linguísticos e pedagógicos.

A partir da relação do Gemap com a Gabriel Prestes, começamos a acompanhar também a Virada da Educação, evento anual que reúne as escolas do centro da cidade que integram o chamado *Território Educativo das Travessias*: as EMEIs Alceu Maynard de Araújo, Armando de Arruda Pereira, Gabriel Prestes, João Theodoro, Monteiro Lobato e Patrícia Galvão.

Já a relação com a EMEF Jd. Sipramar se iniciou com o projeto Praça de Aulas, do GeMAP, em parceria com a Associação Cultural Imargem, da Zona Sul paulistana. carência de equipamentos públicos.

A estrutura deste texto é pautada pela apresentação dos dispositivos utilizados, intercalando descrições etnográficas das atividades realizadas entre 2022 e 2024, e reflexões teóricas. Nosso objetivo é duplo: por um lado, documentar metodologias educacionais e processos criativos que desafiam modelos tradicionais de ensino-aprendizagem; por outro, discutir como a combinação entre deslocamento físico e mediação artística pode ampliar as possibilidades de agência e leitura crítica da cidade por crianças e educadores.

Concluímos que as práticas artístico/pedagógicas realizadas atuam como estratégia de combate à “inexperiência democrática” (Freire, 1967, p.66), persistente em nossa sociedade, que resulta da ausência de processos coletivos de autogestão. O desenvolvimento de dispositivos visa ampliar a agência dos educandos, incentivando sua participação ativa na produção de conhecimento.



2) Experiências artístico/pedagógicas

Virada da Educação

A Virada da Educação é um atividade anual que consiste na realização de cortejos das escolas pelo Território das Travessias. Em 2023 participamos pela primeira vez do projeto. O percurso teve início na EMEI Armando de Arruda Pereira, localizada na Praça da República, e foi concluído no Complexo Cultural Funarte São Paulo, no bairro Campos Elíseos.

No ano seguinte, a caminhada partiu da EMEI Monteiro Lobato, situada na Praça Buenos Aires, finalizando na Casa Amarela, na Avenida Consolação. A preparação para a saída às ruas foi intensa: os alto-falantes preparados, bonecos de dragões eram vestidos e a Fanfarra Clandestina se reunia. Enquanto isso, as crianças brincavam em meio a educadores, familiares e voluntários. Organizamos na caçamba do Triciclo materiais como latas de spray, máscaras de stencil, cartazes impressos em papel e placas poéticas que distribuímos com frases como "*Atenção: crianças na área!*" e "*Pare, olhe, escute*". Dava-se início à caminhada.

As faixas e cartazes produzidos pelas crianças reivindicavam o direito das crianças de ocupar a cidade, num exemplo prático do conceito cunhado pelo filósofo Henri Lefebvre, que busca compreender as contradições entre o potencial transformador dos espaços urbanos e a efetiva satisfação das necessidades de seus habitantes (Duhalde, 2011). O ato de caminhar brincando é vivido como prática de resistência em busca de uma cidade mais sensível, inclusiva e acolhedora para a infância e por decorrência para todos os que nela habitam.

Durante a travessia, o Triciclo desempenhou diversas funções: serviu como meio de expressão nas ruas, contribuiu para a organização e segurança do cortejo. Adornado com um estandarte azul, trazia poemas bordados e a frase "*Me chama para casa, estou na rua*". À medida que avançava, o cortejo deixava rastros do trajeto realizado, sinalizando a presença das crianças em cartazes colados e stencil aplicados.



As interações entre as crianças e o Triciclo evidenciaram o impacto do dispositivo na experiência urbana. Observavam com curiosidade a caçamba de madeira fixada na parte traseira, apertavam a buzina e tentavam subir no veículo.

Outro dispositivo utilizado por nós foi o *Verticalix*¹, dispositivo de registro de memória, que opera como uma espécie de pergaminho sustentado por dois tubos e uma base. Com o *Verticalix*, se acompanha a caminhada a partir do rabisco, desenho ou da escrita. Busca-se criar um registro sensível da rota e da ação coletiva, um relato como “uma crítica do real” (Besse, 2009, p. 57), permitindo gerar uma representação gráfica da paisagem em rolos.

Assim, o desenho acompanhava o ritmo da caminhada, captando os personagens e os cantos coletivos; nos traços ressoavam as interações entre a cidade e aquela congregação, criando uma sequência da paisagem itinerante na cidade. As crianças saltavam e caminhavam de mãos dadas, seguindo o percurso. Ao chegar na Casa Amarela, destino final da travessia, o cortejo forçou momentaneamente a interrupção da Avenida Consolação, os motoristas aguardavam resignados a liberação da via, menos sorridentes que os moradores dos prédios de Higienópolis que saudaram o cortejo pela janela.

Oficina de Bazuca Poética Jd. Sipramar

A oficina de criação poética e projeção luminosa com Bazucas Poéticas foi uma das atividades do projeto Praça de Aulas, numa parceria entre GeMAP, EMEF Jd. Sipramar e

¹ O *Verticalix* é um dispositivo criado por Carlos Hidalgo Zunino no ano de 2021 para investigar a cidade por meio da caminhada. No livro *T+ Rotos: pedagogia e arquitetura*, está incluído o capítulo *Caminhar pela cidade e a Arquitetura*, no qual são descritas outras experiências de uso do dispositivo junto com estudantes de arquitetura e urbanismo da FAU - UCE na cidade de Quito. <https://tramaediciones.publica.la/reader/t-rotos-pedagogia-y-arquitectura?location=54>



Imagem. A *Bazuca Poética*² é um projetor de slides portátil de fabricação caseira utilizado na realização de intervenções luminosas no espaço público e outras finalidades artístico/pedagógicas.

A aparência cyberpunk do dispositivo instiga a curiosidade das crianças, que imediatamente reconhecem o objeto como um brinquedo do tipo “faça você mesmo”. À noite, o alcance chega a centenas de metros de distância, tornando possível a realização de projeções de diapositivos impressos de fotografias, poemas e desenhos ou slides feitos à mão com marcador permanente.

A atividade na EMEF se iniciou com uma apresentação expositiva do desenvolvimento do dispositivo e uma reflexão compartilhada sobre técnicas de arte urbana e outras formas de expressão no espaço público. A partir de provocações sobre o que os estudantes gostariam de dizer para a cidade e o que faltava dizer naquele bairro, alunas e alunos produziram seus slides. Os poemas foram escritos sobre acetato, utilizando marcadores permanentes de ponta fina.

A eloquência das frases produzidas e depois projetadas sobre a parede externa da escola pelos jovens contrastava com a timidez e as conversas paralelas de dentro da sala de aula. Frases criadas pelos estudantes, como por exemplo “O estudo derruba o Estado” e “Mulher não é brincadeira”, indicaram temas relevantes para futuras discussões e aprofundamentos, enquanto frases como “Você já ouviu falar do parque linear” demonstraram assuntos de interesse dos estudantes e vinculados ao território.

² A Bazuca Poética vem sendo desenvolvida por Cauê A. M. Baptista desde 2014. O *Manual de construção e uso da Bazuca Poética* (Baptista, 2022) ensina o passo a passo para replicar o dispositivo, além de narrar o histórico do desenvolvimento tecnológico e oferecer algumas sugestões de uso a partir de experiências já realizadas. A publicação pode ser acessada gratuitamente em formato digital pelo link www.coletivotransverso.com.br/editora



Acampadentro

Outra das atividades foi o Acampadentro, trata-se de uma celebração de encerramento do ano letivo na EMEI Gabriel Prestes. É um encontro noturno no qual desenvolvemos um exercício estruturado em três etapas: a rememoração das Travessias por meio de uma apresentação cinematográfica análoga, a produção de memórias gráficas com as crianças e a exposição desses registros.

A apresentação cinematográfica análoga foi realizada por meio da projeção luminosa da Bazzuca Poética, acoplada ao Triciclo. Para isso, improvisou-se uma tela utilizando a cortina do pátio da escola, diante da qual as crianças se sentaram em semicírculo, enquanto o Triciclo permanecia posicionado ao fundo. O material projetado consistia em um relato visual criado com o Verticalix durante a Virada da Educação 2024, acompanhado por poemas urbanos, como “Quem are. Durante a exibição, a professora Edna interagiu com as crianças, apontando elementos projetados, como o semáforo, que eram relevantes para a relação das crianças com o espaço público. A reação delas demonstrou grande entusiasmo: ao reconhecerem os elementos, levantavam-se, apontavam e exclamavam suas descobertas no desenho.

Em seguida, as memórias gráficas foram produzidas no mesmo espaço, com as crianças dispostas ao redor de rolos de papel estendidos no chão. Foi proposto que registrassem suas lembranças das travessias feitas ao longo do ano ou seus desejos de destinos para futuras experiências. Usando giz de cera, desenharam elementos significativos do percurso, como ônibus, automóveis, ruas, árvores e calçadas, além de edificações – algumas agrupadas, outras destacadas, como o edifício visitado na USP. Também foram representadas cenas da caminhada em fila, guiada pela professora, e figuras de crianças acompanhadas por adultos.



Por último, os desenhos foram recolhidos e inseridos no *Emakimono de luz*. O *emakimono* é uma forma oriental de pintura cuja fruição ocorre de maneira semelhante aos pergaminhos, "enrolando-se de um lado a mesma extensão que se desenrola do outro" (Franchetti, 1996, p. 14). Trabalhamos com uma versão portátil do emakimono, feita em acrílico transparente e iluminada por luzes de emergência. O pergaminho é fixado a dois cilindros de bambu, presos a ferragens laterais, que giram sobre seu próprio eixo, fixado na parte traseira do Triciclo. Quando acionado, o dispositivo ilumina os traços, criando uma nova dinâmica na interação das crianças com os registros gráficos. Observou-se uma apropriação do espaço expositivo, expressa pela surpresa e entusiasmo ao reconhecerem suas produções. Comentários como "Esse é o meu" e "Fui eu que fiz" destacaram tanto a identificação individual quanto o caráter coletivo da experiência, estimulando o diálogo entre os participantes.

3) Análises e conclusões

Os dispositivos artístico pedagógicos atuam como extensões do corpo e da mente durante os deslocamentos. Atuam também como meios de produção de encontros e trocas intersubjetivas, intaurando superfícies de diálogo no espaço público. O Verticalix, por exemplo, traduz o ritmo da caminhada em traços gráficos, capturando paisagens e discursos do caminho, materializando o que Certeau (1994) chamou de "escrita itinerante" – ato de significar o espaço através do movimento.

Os dispositivos são mecanismos capazes de amplificar a agência dos seus operadores, reorganizando relações de poder no espaço por meio da expressão de discursos não encomendados. Os desenhos e mensagens projetadas pela Bazuca Poética deslocam a expressão para outros espaços, produzindo novos significados associados aos territórios compartilhados.

Os dispositivos empregados atuaram de forma lúdica e integrada, favorecendo a expressão criativa e a construção coletiva de sentidos. Como afirma Piaget (1990), por meio do



jogo, as crianças representam seus esquemas já estabelecidos e se adaptam à realidade. O jogo, portanto, é tributário do desenvolvimento do pensamento, pois constitui uma oportunidade de exercer suas funções cognitivas em situações reais. Dessa forma, as ações tornaram-se espaços para a experimentação sensível e o fortalecimento dos vínculos entre infância, memória e território.

As travessias operam como deslocamentos pedagógicos, onde o imprevisto torna-se meio de produção de conhecimento e recurso mnemotécnico de criação de memórias afetivas. Essa prática exige flexibilidade metodológica, substituindo planejamentos rígidos por estratégias de improvisação orientada que lançam mão de um repertório sempre renovado de formas de interação criativa com a alteridade.

A combinação entre deslocamento físico e mediação artística transforma a urbe em espaço experimental, a cidade como laboratório de desejos, onde crianças aprendem não sobre a cidade, mas com e através dela. A escolha dos Correios como destino preferido ilustra como locais aparentemente não pedagógicos revelam potencial educativo quando abordados a partir do interesse infantil.



REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Cauê. “Bazuca Poética: a intervenção luminosa low tech no espaço público como disputa pela memória social”. In: ANAIS DO XIII CONGRESSO INTERNACIONAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE, 2024. Disponível em: <<https://proceedings.science/cieha/cieha-2024/trabalhos/bazuca-poetica-a-intervencao-luminosa-low-tech-no-espaco-publico-como-disputa-pe?lang=pt-br>> Acesso em: 26 Abr. 2025. São Paulo: Anais eletrônicos, Galoá, 2024.

BESSE, Jean-Marc. **Le goût du monde. Exercices de paysage.** Arles: Actes Sud/ENSP, 2009.

DUHALDE, Eduardo. (2011): **El derecho de los ciudadanos a la ciudad. La ciudad como célula madre del Estado-Nación, en “Derecho a la ciudad: por una ciudad para todas y todos”;** Ministerio de Justicia y Derechos Humanos de la Nación, Argentina. Disponible en línea.

GELL, Alfred. **Arte e agência: uma teoria antropológica.** São Paulo: Ubu Editora, 2018.

PIAGET, Jean. (1990). **La formación del símbolo en el niño.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

FRANCHETTI Paulo; TAEKO DOI Elza. **Haikai: Antologia e História** Campinas: EDITORA UNICAMP, 2012.

IX COLÓQUIO ARTE EM TRÂNSITO

ARTE como território --- na Escola



FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1967.